

Amazônia é fábrica de gerar mitos

E screvi esta coluna a bordo de um navio de pesquisa científica no rio Amazonas, viajando entre Manaus e Belém (por isso não tenho respondido a e-mails). Aqui dentro, o ar é condicionado e as refeições são na hora certa. Lá fora, calor, insetos, doenças tropicais e uma floresta gigantesca margeando o mais volumoso rio do mundo. Quilômetros e mais quilômetros vão passando lentamente e parece que a viagem não acaba nunca.

O contraste ajuda a entender as emoções que o mero nome Amazônia desperta, uma região que já foi chamada de "inferno verde", mas que agora está sendo glorificada por conta de sua enorme "biodiversidade". Entre os extremos abundam mitos e mais raras, às vezes heróicas, tentativas de compreendê-la cientificamente.

Começando do início previsível, o próprio nome é um mito. Nunca existiram as tais amazonas, as mulheres-guerreiras que teriam sido vistas pelos primeiros europeus a se aventurarem pelo rio.

O provável é que tenham visto índios de cabelo comprido, ou quem sabe mulheres índias também combatendo em autodefesa. Tanto faz, pois o mito fala de uma sociedade apenas de mulheres que, como na sua origem grega clássica, entre outras coisas arrancariam um dos seios para melhor atirarem com arco e flecha.

Como demonstram as campeãs dessa modalidade esportiva, não é preciso uma mastectomia radical para acertar uma flecha no alvo. Ninguém pára muito para pensar nesse detalhe. Mas os detalhes são importantes, pois são eles que dão cor e uma suposta credibilidade aos mitos.

É o caso do mito amazônico mais recente, a bobagem de achar que os americanos querem tomar a região "manu militar". Já comentei em coluna anterior aquela absurda página falsa de livro didático mostrando um mapa da Amazônia "internacionalizada", repleta de erros de uma tradução capenga do português



para o inglês. Esses grotescos factóides ajudam a alastrar rumores falsos.

Os mitos locais, muitos de origem indígena, são mais poéticos ou mesmo divertidos, como o famoso boto cor-de-rosa que criaria irresistível forma humana, engravidaria virgens e voltaria sexualmente saciado ao rio. Imagino que nunca tenha sido muito convincente como forma de explicar uma gravidez indesejada.

Mais triste é ver sua versão moderna, brutal e realista: a gravidez precoce e a exploração sexual de meninas ribeirinhas. A canoa encosta na balsa, as prostitutas-mirins embarcam, passam um tempo a bordo e voltam remando, ou às vezes praticando seus serviços em outra embarcação que venha na direção contrária.

O estupro da floresta e da sua fauna pode ser ou não ser tão discreto. Quando ela era o inferno verde, desmatar era sinônimo de espalhar civilização. Agora, cinica-

mente, a floresta virou fonte de "recursos genéticos", e fala-se em explorá-la de modo "sustentável". Por trás desse adjetivo novos mitos estão em construção.

Um recurso natural "sustentável" é um que tem condições de se renovar. Mesmo depois de explorados predatoriamente, peixes e outros animais, caso um número razoável tenha sobrevivido, se deixados em paz com seu habitat intacto podem voltar de modo a repovoar a região.

É provável que os antigos índios que chegaram na América do Sul a partir da Ásia tenham sido os responsáveis pela extinção de alguns grandes mamíferos, como os preguiças-gigantes. É frescura romântica achar que índios vivem "em harmonia" com a natureza. Eles apenas têm menor capacidade tecnológica de devastação que o homem moderno. E também são picados por mosquitos.

Índios possuem grande conhecimento de plantas úteis da floresta, mas que precisa ser filtrado pela ciência moderna, pois parte dele é mágico/místico. Seus remédios contra picada de cobra não funcionam, por exemplo; o que funciona é soro antiofídico do Instituto Butantan.

A floresta envolve uma complexa relação entre organismos. Vá retirando partes dela – como as grandes árvores e a madeira de maior valor comercial –, e o todo vai se desfazendo.

Plantar e replantar florestas só de eucaliptos é o mesmo que plantar alface ou cana, uma monocultura renovável. Uma floresta tropical não é sustentável nesse sentido. Dezenas, centenas de anos podem ser necessários para ela voltar a crescer, e o resultado pode ser bem diferente do original. O que dizer então desse "produto de floresta sustentável" pintado em inglês nas tábuas magnificamente serradas e empilhadas nos portos amazônicos esperando para serem exportadas?

É mais um mito sendo fabricado.

e-mail: bonalume@uol.com.br